

Xenofobia na escola pública: A perspectiva dos estudantes do Ensino Médio

Xenophobia in the public school: The High School students' perspective

Lineu Norio Kohatsu, Gabriel Katsumi Saito

Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

* lineu@usp.br; gabriel.saito@usp.br

Recebido: 01-novembro-2021

Aceito: 25-fevereiro-2022

RESUMO

Neste artigo são apresentados alguns resultados de uma pesquisa realizada em uma escola pública de São Paulo, Brasil, tendo como recorte a discussão sobre a xenofobia. A coleta de dados foi realizada nos anos de 2018 e 2019 por meio de entrevistas com 21 estudantes, sendo catorze bolivianos e sete brasileiros, filhos de bolivianos, e por meio de um questionário respondido por 150 estudantes brasileiros e de origem boliviana do último ano do Ensino Médio. A maioria dos entrevistados de origem boliviana relatou vivências de xenofobia, na forma de insultos verbais e/ou agressões físicas, sofridas ao longo da vida escolar. A análise quantitativa dos itens do questionário apontou discrepâncias de respostas entre brasileiros e alunos de origem boliviana, sendo que os primeiros apresentaram mais respostas de concordância em alguns itens com afirmações xenofóbicas, contrastando com o número de respostas de discordância de alunos de origem boliviana. Embora os resultados não sejam conclusivos, apontam para a necessidade de mais pesquisas sobre a xenofobia nas escolas.

Palavras-chaves: escola pública, Ensino Médio, imigrantes bolivianos, xenofobia

ABSTRACT

This article presents some of the results of a survey conducted in a public school in São Paulo, Brazil, aimed at the discussion regarding xenophobia. All data were collected in 2018 and 2019, interviews were conducted with 21 secondary school students, fourteen Bolivians and seven Brazilians, children of Bolivians, and a closed-ended questionnaire answered by 150 Brazilian students and students of Bolivian origin, all from the senior year of High School. Most respondents of Bolivian origin reported experiences of xenophobia, in the form of verbal insults or physical aggression, suffered throughout their school life. The quantitative analysis of the questionnaire items indicated discrepancies in responses between Brazilians and students of Bolivian-origin, with the former conveying more responses of agreement concerning a few items with xenophobic statements, in contrast to the number of responses of disagreement from Bolivian students. Although these data were not conclusive, they point to the need for more research on xenophobia in schools.

Keywords: Bolivian immigrants, High School, public school, xenophobia

Financiamento: Apoio do Programa Ano Sabático do Instituto de Estudos Avançados, USP.

Para referenciar este artigo: Kohatsu, L. N., & Saito, G. K. (2022). Xenofobia na escola pública: A perspectiva dos estudantes do Ensino Médio. *Psicoperspectivas*, 21(1). <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue1-fulltext-2554>



Publicado bajo licencia [Creative Commons Attribution International 4.0 License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

*Em memória de Moïse Kabagambe, refugiado congolês,
vítima de xenofobia e racismo, brutalmente assassinado no Rio de Janeiro.*

O número crescente de filhos de imigrantes nas escolas alerta para a necessidade de se discutir a ocorrência da xenofobia, conforme apontam os relatos dos próprios estudantes, dos profissionais das escolas e pesquisas realizadas no Brasil e em outros países. No ano de 2019, constavam mais de 75 mil bolivianos residentes em São Paulo, mais de 20% do total de migrantes internacionais (São Paulo, 2021). Há algumas décadas, a imigração boliviana no Brasil tornou-se bastante expressiva (Baeninger, 2012), presença refletida também no número de matrículas de bolivianos nas redes públicas de educação de São Paulo.

De forma explícita ou velada, as práticas discriminatórias, xenofóbicas e racistas cotidianamente sofridas por estudantes de origem imigrante indicam violações de direitos humanos (Organização das Nações Unidas (ONU), 1948), contrariando o que está estabelecido também na legislação brasileira, conforme consta na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Migração nº 13.445/2017. Tais violações têm repercussões negativas na vida escolar, podendo comprometer o rendimento escolar e até abandono, além de consequências futuras para as vítimas. Compreender como essas práticas xenofóbicas ocorrem nas escolas, como são vivenciadas por suas vítimas e quais são os recursos para resistir à violência têm sido objeto de investigação de pesquisadores em várias partes do mundo.

O acolhimento ou a repulsa à presença de estudantes de origem imigrante decorrem, em grande parte, das políticas migratórias e educacionais de cada país, assim como do clima geral de cada sociedade receptora. Mesmo entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, notam-se diferenças nas políticas de acolhimento de imigrantes e refugiados, sendo algumas mais acolhedoras e inclusivas, como na Suécia, e outras menos receptivas, como na Grécia (Marks et al, 2018). Dos países que não integram a OCDE, inúmeras pesquisas discutem a xenofobia contra imigrantes africanos nas escolas da África do Sul, como mostra Onyido (2018). É importante ressaltar também, conforme mostra o estudo de Koehler e Schneider (2019) ao analisar diferentes sistemas educacionais da Europa, que arranjos institucionais específicos diferentes resultaram em maior ou menor sucesso escolar de jovens imigrantes e refugiados.

Em virtude da quantidade e diversidade de pesquisas sobre xenofobia nas escolas, mencionaremos apenas alguns trabalhos mais recentes e mais relacionados ao nosso estudo. Na revisão de dissertações e teses

brasileiras e portuguesas sobre imigração e educação, realizada por Kohatsu et al. (2020a), chamaram nossa atenção especialmente duas pesquisas: uma que investigou o preconceito/racismo sutis manifestados por estudantes portugueses em relação aos colegas imigrantes (Silva, 2007) e outra que confirmou a hipótese do favoritismo endogrupal de crianças portuguesas Botas (2010). Ambas apontam a existência de preconceito sutil, velado. Das pesquisas brasileiras, destacamos a pesquisa de Oliveira (2013), que observou isolamento e submissão de alunos bolivianos, alvos de agressões verbais, tratamento pejorativo e violência física.

A discriminação contra estudantes de origem imigrante nas escolas argentinas, principalmente bolivianos, também vem sendo investigada há alguns anos (Adasko & Kornblit, 2008; Binstock & Cerrutti, 2016; Kleidermacher et al., 2020). No Chile, das pesquisas sobre preconceito e discriminação contra estudantes imigrantes, destacamos a pesquisa de Salas et al. (2017) e a pesquisa de Riedemann e Stefoni (2015) sobre o racismo na escola secundária, realizada com estudantes haitianos. Na Alemanha, as manifestações de discriminação xenofóbica, especialmente contra turcos, têm se tornado problemática, inclusive nas escolas. Destacamos a pesquisa de Yesil (2020) que investigou a percepção de estudantes turcos sobre discriminação étnica, racial e religiosa e a exclusão espacial vivenciada na Alemanha. Consideramos também importante citar a pesquisa de Kunyu et al.(2018) realizada com adolescentes imigrantes de escolas secundárias de Berlim sobre a relação entre sentimento de pertencimento e adaptação acadêmica em ambientes em que ocorrem discriminação étnica. Da Espanha, destacamos a pesquisa de Hidalgo e Ruiz (2019) sobre as diferenças entre bullying pessoal e bullying étnico-cultural e a pesquisa de Wilson-Daily et al. (2018) sobre os efeitos do contato intergrupal, com uso de escala de xenofobia.

Com o intuito de colaborar com a problematização da xenofobia, neste artigo apresentamos um recorte de uma pesquisa realizada junto a estudantes do Ensino Médio, em uma escola pública da cidade de São Paulo, Brasil.

Xenofobia: Algumas notas

Xenofobia, palavra de origem grega, literalmente, significa medo daquele que é estrangeiro, estranho, figura supostamente desconhecida, que imaginariamente representa uma ameaça em potencial e provoca reações irracionais de aversão, intolerância, hostilidade e ódio. O crescimento dos fluxos migratórios internacionais, seja do Sul ao Norte ou mesmo nas

migrações regionais Sul-Sul, tem reacendido a xenofobia em várias partes do mundo, mas com as particularidades de cada contexto social. No Brasil, a xenofobia tem raízes históricas geradas ao longo do processo de colonização (Seyferth, 2002), fortalecida pelo racismo, que afirmava a superioridade dos brancos em relação aos negros, indígenas e mestiços. Para solucionar o problema da diversidade étnica, o branqueamento da nação foi visto como a única solução para redimir e remediar a degeneração da população causada pela mestiçagem e, assim, superar o atraso do processo civilizatório.

O racismo esteve presente desde o início da formação da nação brasileira e reforçou o discurso eugenista adotado nas políticas migratórias que tentaram, a todo custo, impor restrições aos imigrantes indesejados, ou seja, os não-brancos, como os negros e os asiáticos (Carneiro, 2018). As migrações recentes de sul-americanos, haitianos, africanos e sírios ao Brasil mostram que ainda hoje a xenofobia tem cor, etnia e religião (Farah, 2017) porque é dirigida especialmente ao imigrante não-branco, estigmatizado como bárbaro, incivilizado, exótico e sujo. Assim, além de ser associado à ilegalidade e ao crime, de roubar empregos, o estrangeiro representa também uma ameaça à saúde pública por ser considerado potencialmente um transmissor de doenças, tal como ocorreu com a pandemia da Covid-19, que impulsionou o ressurgimento de ideias arcaicas como o “perigo amarelo”, reacendendo a xenofobia racista contra asiáticos no mundo inteiro (Kohatsu et al., 2021).

É importante mencionar que as relações entre xenofobia, racismo e preconceito são entendidas de modos diferentes entre alguns pesquisadores. Lima e Vala (2004) diferenciam as novas expressões do racismo, indireto e velado, do preconceito sutil (Pettigrew & Meertens, 1995, citado por Lima & Vala, 2004), que teve como objeto as atitudes negativas contra as minorias e imigrantes na Europa, diferentemente das teorias do racismo, que analisaram as relações entre grupos do mesmo país. Kim e Sundstrom (2014) enfatizam a diferença entre o racismo e a xenofobia, pois esta resulta em ostracismo cívico, perpetuando a síndrome do estrangeiro aos imigrantes e seus descendentes, tal como ocorre com os latinos e asiáticos nos Estados Unidos e com os muçulmanos, africanos e sul-asiáticos na Europa. O racismo, por sua vez, é uma forma de discriminação e exclusão, mas não coloca em questão o pertencimento à nação. Faustino e Oliveira (2021) problematizam a abrangência e os limites do conceito xeno-racismo. Mesmo considerando o mérito do conceito, os autores

constatam a necessidade de aprofundamento diante das particularidades históricas e geográficas das dinâmicas migratórias Sul-Sul, como no Brasil.

A dimensão profunda da xenofobia

Em trabalhos anteriores (Kohatsu, 2019; Kohatsu et al., 2021) foi discutida a relação entre xenofobia e preconceito, tendo como referência os estudos realizados por T. W. Adorno (2020b) sobre a Personalidade Autoritária. Adorno (2020b) buscou explicar os motivos pelos quais certos indivíduos aderem e apoiam ideologias autoritárias e antidemocráticas, como o fascismo, que incita a perseguição de indivíduos pertencentes a grupos minoritários, como os judeus. Tais ideologias, como o antissemitismo, por apresentarem uma forma padronizada e simplificada de organizar opiniões, atitudes e valores reforçam as convicções preconceituosas desses indivíduos e fornecem os argumentos para que possam perseguir seus alvos e, assim, atender às suas necessidades psicológicas. Estas são necessidades de autoconservação e destruição, que se amalgamam com a exigência por competição e exclusão no capitalismo - no qual o próprio capital é indiferente à vida.

Crochik (1997), em concordância com os estudos de Adorno, ressalta que a hostilidade contra grupos minoritários é derivada de preconceito, ou seja, uma atitude ou predisposição que não decorre de experiências reais ou das características de seus alvos. O indivíduo preconceituoso, devido à sua fragilidade não assumida, mantém uma atitude persecutória, defensiva e, sendo incapaz de reconhecer as ameaças como suas pseudoprojeções (Horkheimer & Adorno, 1985), mantém uma disposição para reagir de modo automático e agressivo, sem refletir racionalmente. A tendência à agressividade permanece latente em função do sentimento de frustração e impotência diante do mundo objetivo e se manifesta sob certas circunstâncias. Como observou Allport: “Es cierto que toda actitud negativa tiende de algún modo, a expresarse en acción en cierto momento. (...) Quanto más intensa es la actitud, más probable es que desemboque en una acción enérgicamente hostil”¹ (Allport, 1971, p. 29).

As ideologias difundidas socialmente como a xenofobia e o racismo incitam a manifestação dessa predisposição à perseguição e hostilidade contra os grupos minoritários mais vulneráveis. Ainda que o xenófobo tente encontrar algum argumento para justificar seus sentimentos intensos de medo e ódio em relação ao estrangeiro, as

¹ “É certo que toda atitude negativa tende de algum modo a se expressar em ação, em determinado momento. (...) Quanto mais intensa é a atitude, mais provável é que resulte em uma

ação energicamente hostil” Allport, 1971, p. 29. Tradução livre dos autores.

razões dessa aversão são de natureza subjetiva, motivações psicológicas inconscientes. Portanto, tendo uma predisposição desfavorável, baseada em representações estereotipadas, convicções irracionais e emocionais inabaláveis sobre seus alvos, o indivíduo xenófobo resistirá a entender que os imigrantes não são os culpados pela crise econômica, pelo desemprego, pelo aumento da criminalidade, pelas doenças e pela difusão do terrorismo no mundo.

A xenofobia no espaço escolar: do preconceito sutil ao bullying

No interior da escola, por esta não estar isolada da sociedade, são reproduzidas em algum nível, atitudes preconceituosas e xenofóbicas. Mesmo de modo indireto, o clima geral vigente na sociedade pode estimular relações mais democráticas ou autoritárias entre os grupos que convivem no espaço escolar. Apesar de não poder manter a distância desejada em relação às tendências destrutivas dominantes na sociedade, a escola pode desenvolver algum nível de autonomia em relação à totalidade social e exercer algum grau de resistência à reprodução da violência. Para isso, é necessário que se observe como ocorrem as relações entre os grupos e se identifiquem as formas sutis ou mais graves de xenofobia e outras formas de discriminação decorrentes do preconceito.

É oportuno recordar os graus de ação decorrentes do preconceito, da menos enérgica até a mais enérgica, conforme Allport (1971, p. 29): falar mal; evitar o contato; discriminação, exclusão, segregação; ataque físico, extermínio. Na escola, conforme pesquisas e relatos de professores, pais e alunos, a xenofobia contra estudantes de origem imigrante manifesta-se nos graus observados por Allport (1971), que vão desde insultos verbais eventuais aos ataques físicos recorrentes, que podem se caracterizar como bullying.

Em pesquisa realizada em uma escola pública, Kohatsu et al. (2020b), analisaram os resultados de um sociograma aplicado junto aos alunos do ensino fundamental e não constaram rejeição explícita de alunos brasileiros em relação aos colegas de origem imigrante. No entanto, uma observação mais atenta mostrou que, embora não houvesse rejeição, os alunos de origem boliviana eram pouco escolhidos pelos brasileiros, denotando um preconceito sutil, velado. Segundo a revisão da literatura realizada por Crochik (2019), o bullying refere-se a comportamentos agressivos físicos e/ou verbais recorrentes (ameaça, coerção, intimidação, insultos, humilhação, piadas), apresentados por um aluno mais forte ou um grupo de alunos contra alunos mais fracos, tímidos, isolados, inseguros, indefesos e que apresentam características físicas, étnicas, de orientação sexual e/ou

aparência que não são toleradas pelos agressores. Além do dano físico, os agressores visam a agressão psicológica que fragiliza ainda mais a capacidade de defesa das vítimas, tornando-as mais vulneráveis e reforçando a assimetria de poder. Além da vítima e do agressor, outros papéis são exercidos no bullying, como os espectadores, que podem apoiar ou não a agressão.

Para Crochik (2015, 2019), é fundamental diferenciar preconceito e bullying. Em geral, o indivíduo preconceituoso tem seus alvos mais delimitados, relacionados às minorias sociais, com justificativas de perseguição mais específicas, associadas a estereótipos. No bullying, os alvos não são delimitados como no preconceito, as escolhas ocorrem mais em função da fragilidade das vítimas e a agressão não precisa ser justificada. Se no preconceito, os afetos indicam que há alguma identificação entre agressor e vítima, mesmo que essa tenha de ser negada, no bullying ocorre a negação da identificação, o que pode explicar a frieza ou ausência de afetos em relação à vítima. O bullying é uma forma de violência mais primitiva, mais imediata, correspondendo à regressão provocada por uma sociedade cada vez mais administrada, que impede a experiência, a incorporação da cultura e a sensibilidade, e valoriza a competição e dominação de um indivíduo sobre o outro.

No recorte apresentado neste artigo, destacamos dois objetivos: Analisar os relatos de estudantes de origem imigrante do Ensino Médio sobre discriminação xenofóbica sofrida ao longo da vida escolar no Brasil; investigar a concordância/discordância de estudantes brasileiros e de origem boliviana sobre questões relacionadas à imigração e aos imigrantes.

Método

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental e médio, escolhida por ser uma das escolas com mais alunos imigrantes da cidade de São Paulo. À época da coleta de dados, conforme informado pela direção, na escola havia cerca de 1100 alunos, matriculados em turmas do ensino fundamental, anos iniciais e finais, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos períodos matutino, vespertino e noturno. No ano de 2019, nas sete salas do Ensino Médio regular e nas três salas da EJA constavam matriculados 311 alunos, sendo 227 brasileiros e 84 imigrantes e filhos de imigrantes. O grupo mais numeroso era o dos bolivianos e filhos de bolivianos, seguidos pelos paraguaios, angolanos, bengalis, haitiano e um de nacionalidade desconhecida. A quantidade de alunos bolivianos e filhos de bolivianos matriculados no Ensino Médio é praticamente igual, com ligeira maioria para os

filhos de bolivianos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, conforme consta no Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 61993016.7.0000.5561.

Participantes

Participaram das entrevistas 20 alunos e alunas da 3a. série do Ensino Médio e um aluno do 3o. termo da Educação de Jovens e Adultos, sendo catorze de nacionalidade boliviana (Tabela 1) e sete de nacionalidade brasileira, filhos e filhas de bolivianos, com idades entre 16 e 24 anos (Tabela 2). A escolha dessa série ocorreu por ser o último ano do Ensino Médio e conclusão da educação básica.

Tabela 1

Alunas e alunos bolivianos

Aluno/ Aluna	Idade	Idade chegada	Local
Anita	18	5 anos	La Paz
Arlin	17	12 anos	La Paz
Sandy	24	17 anos	La Paz
Diana	19	2 anos	Cochabamba
Pamela	19	8 anos	Sta Cruz
Keith	18	3-4 anos	La Paz
Milenka	17	5 anos	La Paz
Albert	20	1 ano	La Paz
Andressa	18	3 anos	La Paz
Ghisela	17	5 anos	La Paz
Freddy	18	10 anos	La Paz
Jherson	18	9 anos	La Paz
Juan	19	7 meses	La Paz
Maria	16	6 anos	Cochabamba

Com exceção de Sandy, os demais chegaram ao Brasil até os 12 anos de idade, tendo grande parte da escolarização no Brasil. Dos locais de origem, apenas Pamela é de Santa Cruz; Diana, sua amiga de classe, é de Cochabamba, mas o pai é de Santa Cruz.

Tabela 2

Alunos e alunas brasileiros, filhos de bolivianos

Aluno/a	Idade	Local de origem dos pais
Evelin	17	Bolívia
Cindy	19	Bolívia
Edwin	18	Bolívia
Aneth	20	Bolívia
Lizeth	17	Bolívia
Antony	16	Bolívia
Jimmy	18	Bolívia

Também participaram da aplicação do questionário, 150 alunos da 3a. série do Ensino Médio Noturno, sendo 117 brasileiros (65 homens, 51 mulheres, e um sem identificação de gênero), e 33 de origem imigrante e

filhos de imigrantes, ambos os sexos (20 mulheres e 13 homens). As idades variaram entre 16 e 54 anos (com uma turma do EJA). A média de idade foi de 18.9 anos e mediana de 17. Os alunos de origem boliviana entrevistados pertenciam a essas turmas e participaram da aplicação do questionário. O grupo Imigrantes inclui, além dos imigrantes, os brasileiros filhos de imigrantes, de várias nacionalidades (boliviana, argentina, paraguaia, peruana e angolana).

Instrumento e procedimentos

Pesquisar a xenofobia necessita de instrumentos que possibilitem lançar luz à violência, seus autores e as vítimas. Por entendermos que a entrevista poderia dar voz às vítimas da violência, utilizamos um roteiro semiestruturado para conhecer as experiências dos alunos de origem imigrante na escola. Solicitamos alguns dados pessoais como local de nascimento do aluno e dos pais, idade, e no caso dos imigrantes, idade de chegada ao Brasil. Foram abordados aspectos da vida escolar, mas neste artigo destacamos apenas os relatos sobre discriminação xenofóbica sofrida ao longo da trajetória escolar no Brasil. As entrevistas, gravadas sob consentimento dos alunos, foram realizadas na escola, em 2018 e 2019, na maioria das vezes em duplas escolhida pelos próprios participantes. Além das experiências dos alunos de origem imigrante, buscamos conhecer também o posicionamento dos estudantes brasileiros em relação à imigração e aos imigrantes. Segundo Adorno (2020b), os agressores não assumem ou tendem a negar o seu preconceito e violência, neste sentido, um questionário respondido de forma anônima poderia auxiliar a detectar tais tendências violentas que não se expressariam de modo aberto em uma entrevista direta.

Inspirados na pesquisa sobre a Personalidade Autoritária realizada por Adorno (2020b), elaboramos um questionário com 26 itens com trechos extraídos de matérias jornalísticas veiculadas em sites da internet sobre fatos relacionados à imigração e aos imigrantes, comentários de leitores, artigos da revogada Lei de Estrangeiro (1980) e da atual Lei de Migrações (2017). A aplicação do questionário teve por objetivo conhecer os posicionamentos de estudantes brasileiros e compará-los às respostas dos estudantes de origem imigrante.

A pontuação para as respostas no questionário foi: discordo totalmente (1), discordo parcialmente (2), concordo parcialmente (4); concordo totalmente (5). O ponto neutro foi excluído. Se considerarmos o questionário como escala Likert, a amostra para a soma das pontuações na escala se mostrou normal e homogênea, segundo o Teste Shapiro-Wilk p -valor < 0.05, e o Teste de Levene p < 0.05. O Teste- t independente

mostrou que, em média, os alunos do grupo “imigrantes” apresentam pontuação menor que dos alunos do grupo “brasileiros” ($t(148) = -4.212$; $p < 0.05$). Para testar a confiabilidade da escala, o Alpha de Cronbach foi de 0.792 ($\alpha > 0.7$, confiável). Para a estabilidade da escala, o teste de Guttman para duas metades foi de 0.746 (confiável $L > 0.7$). O Coeficiente de Spearman-Brown, para ambos os comprimentos foi de 0.75 (confiável $r > 0.7$). O Alpha de Cronbach para duas metades foi de 0.695 e 0.645. A escala é estável, com alguns ajustes necessários. A aplicação foi realizada, em 2018, em três classes de 3a. série do Ensino Médio (turmas A, B e C) e, em 2019, em três classes de 3a. série do Ensino Médio (turmas A, B e C) e 1 classe do 3o. termo EJA.

Cuidados éticos

Seguindo as recomendações éticas, as pessoas participantes foram as sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, sobre a participação voluntária e a garantia do anonimato e diante da concordância, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso dos menores de idade, o TCLE foi assinado pelos responsáveis.

Resultados

Das 14 pessoas bolivianas entrevistadas, três (Sandy, Milenka, Andressa) não relataram vivências de discriminação na escola. Sandy comentou que os colegas são tranquilos e nunca foi molestada, mas tem poucos amigos brasileiros. Das sete pessoas brasileiras, filhos e filhas de bolivianos, Cindy, Lizeth, Antony e Jimmy também não relataram situações de discriminação. “Até agora foi assim, não teve muito problema, preconceito, briga e tal”, relata Jimmy (Jimmy, 10 de abril de 2019), mas comenta que na sala é quieto e interage mais com os colegas bolivianos, assim como Antony. Embora alguns alunos não tenham mencionado vivências de discriminação, relataram interagir mais com os colegas de origem boliviana, talvez por não se sentirem muito bem aceitos pelos brasileiros, podendo indicar a existência de algum nível de preconceito, mesmo que velado. O isolamento como consequência da discriminação também pode ter levado a evitar o contato com os brasileiros e eventuais conflitos.

Quatro entrevistados/as (Evelin, Jherson, Keith e Milenka) recordaram que nos anos iniciais do ensino fundamental não havia preconceito e discriminação. Evelin e Jherson recordam que à época não havia muitos filhos de imigrantes. As lembranças desses quatro alunos são interessantes, pois reforçam o entendimento de que o preconceito não é inato, mas se desenvolve durante o processo de formação do indivíduo, conforme Crochik

(1997). Nesse sentido, é importante refletir também em que medida a escola contribui para a formação e manifestação do preconceito.

Agressões verbais

A análise dos relatos possibilitou notar que as agressões sofridas iam desde agressões verbais à violência física, recordando a observação feita por Allport (1971), sobre os graus de ação decorrentes do preconceito - que baseou teoricamente esta sistematização. As agressões verbais foram categorizadas em: a) insultos baseados em estereótipos; b) insultos xenofóbicos.

Insultos baseados em estereótipos

Ah, boliviano é sujo, boliviano não tem ambiente limpo (Anita)

Eles começavam a insultar a gente de nojento, que a gente tinha piolho, que a gente não tomava banho. (...) “seu boliva, seu bosta” (Evelin)

Antes escutava, sim, falavam “não toma banho, fedidos”. (...) Quando a gente voltava da educação física “vocês são fedidos” (Edwin)

Um garoto tinha entrado. E ele zombava de mim, na verdade... E eu me sentia muito mal nessa época. (...) Não com todos, mas com alguns bolivianos. (...) “boliviana, vai tomar banho”. (...) Os outros só riam, né” (Maria)

Os depoimentos reforçam a recorrência de estereótipos comumente associados aos bolivianos. No entanto, é importante observar que três relatos foram feitos por brasileiros, filhos de bolivianos, indicando que o estereótipo não está relacionado apenas à nacionalidade, mas provavelmente também à aparência, pela presença de traços fenotípicos indígenas frequentemente encontrados em pessoas de origem boliviana. Levanta-se como hipótese que representações arcaicas do período da colonização a respeito do indígena como ser incivilizado, reforçadas por ideias eugenistas, se perpetuaram no imaginário social e se atualizam no presente. Ainda que não se encontre plena correspondência na realidade, pelo menos imaginariamente, a higiene é associada à civilização e a sujeira à selvageria. Desse modo, se as pessoas de origem boliviana são vistas como indígenas e estas como incivilizadas, logo devem ser sujas. Os estereótipos reforçam os preconceitos, produzindo uma percepção distorcida da realidade. Pouco importa se a convicção não corresponda à realidade, até porque o preconceituoso não estará disponível a questionar suas convicções, pois, do contrário, não seria preconceito, conforme Crochik (1997).

Insultos xenofóbicos

‘Ele era o bagunceiro da classe. Ele mexia mais com a gente, mais com os bolivianos. (...) Tipo, meio que ele

zuava, entendeu, magoava. Ele me dizia que eu era pobre, me dizia que não me entendia, que eu ia repetir de ano, não era pra ter vindo pro Brasil, disse que eu ocupo uma vaga de uma pessoa do Brasil' (Freddy)
'Que eu não devia tentar roubar a vaga de outra brasileira (na ETEC) (...) Ela falava que boliviano não podia fazer tais coisas, passar numa faculdade ou fazer essas provas que iam perturbar, atrapalhar os brasileiros' (Aneth)

Nesses dois trechos é notável como os insultos dirigidos aos alunos de origem boliviana na escola reproduzem argumentos do senso comum a respeito dos imigrantes, como aquele cuja presença é indesejada e nociva aos brasileiros, tal como se pode ver em muitos comentários de leitores em notícias sobre imigrantes veiculadas pela internet. É importante destacar que Aneth é brasileira, filha de bolivianos, mas ao agressor isso parecia não importar. A conservação dos traços fenotípicos condena os descendentes de imigrantes à síndrome do estrangeiro perpétuo (Kim & Sundstrom, 2014).

Evelin e Arlin recordaram também de situações em que foram acusadas indevidamente pelas colegas brasileiras, de jogar bolinha de papel e escrever na porta do banheiro. Arlin conta que tinha chegado recentemente da Bolívia, nem sabia escrever em português, mas a diretora a obrigou a limpar. As acusações indevidas poderiam ser entendidas como um aviso aos imigrantes de que eles não são bem-vindos? Prejudicar o colega poderia ter como intenção expulsar o colega daquele espaço?

Agressão física

"Teve menina querendo me bater só por ser boliviana mesmo (...) e me deu um tapa e falou que no intervalo a gente ia se resolver" (Aneth). Com exceção do relato de Aneth, que parece ter sido uma agressão pontual, as agressões sofridas pelos demais indicam que eram recorrentes, realizadas por um grupo ou alguém mais forte contra um alvo mais frágil, podendo ser caracterizado como bullying. Alguns entrevistados como Albert, Ghisela, Juan e Maria recordaram que eram fechados, tímidos, quietos, não reagiam às agressões e tampouco contavam para os pais, para não incomodá-los no trabalho:

'Eu fui no banheiro, me trancaram lá e tacaram água de cima pra baixo. Aí eu saí toda encharcada (...) Aí no próximo dia, as garotas começaram a me irritar, me xingar, falaram pra eu voltar pra Bolívia. (...) Eram umas garotas da minha sala, que não gostavam de mim. Também mexiam com as minhas amigas' (Ghisela)
'Sofri bullying. Foi no comezinho, mesmo, quando eu entrei. Primeiro mês foi meio que tranquilo, vai. Depois, no segundo, terceiro e o quarto, vish, aí começou. Aí eles ficaram me enchendo o saco' (...) Teve uma garota que

pegou a borracha e ficou fazendo assim. Aí colocou na minha cabeça inteira assim. (...) Não tinha outros colegas na sala, era sozinho'. Eu lembro ainda o nome dele. Porque teve uma vez que ele quis me bater. (...) ele não pediu, ele falou "me dá metade" do lanche. Eu tinha comprado pra mim. aí ele falou "me dá metade". Isso foi no 6o. ano' (Juan)

'Eu percebi que tinha muito preconceito entre os alunos foi em 2015, nessa mesma escola. Foi um dos piores anos que eu vi na escola. Tinha muita briga na saída. Era sempre brasileiro contra um boliviano. Foi um dos anos mais violentos. (...) Razão boba, razão boba, só porque não deu licença ou supostamente xingaram um ao outro e já começaram a querer brigar' (Keith)

Oliveira (2013) também observou comportamentos semelhantes, reforçando a percepção compartilhada por muitos profissionais das escolas. No entanto, é preciso tomar cuidado para que não ocorra uma naturalização desses comportamentos, para que não sejam entendidos como decorrência da personalidade dos bolivianos, mas se problematize as circunstâncias que provocam o isolamento e aceitação passiva das agressões e de que forma a escola contribui ou não para interromper a continuidade da violência. Freddy contou que certa vez tomou coragem para falar com a professora e a diretora e, desta forma, conseguiu que não fosse mais agredido.

Como conta Anita, nem todos permaneciam passivos e reagiam: "Me manifestava. Eu era a única. Todos os bolivianos ficavam quietos, ninguém sabe se defender" (Anita, 10 de outubro de 2018). E assim, vão encorajando outros colegas a também reagirem, como Ghisela, que passou a não aceitar mais ser chamada de "boliva": "É, eu sou boliviana, mas tem algum problema, eu tenho nome igual você" (Ghisela, 3 de maio de 2019).

As agressões têm implicações negativas na vida escolar das vítimas: Juan foi reprovado por faltas, e Keith porque "não queria fazer nada" (Keith, 2 de outubro de 2018); os pais de Ghisela e Juan transferiram os filhos para outras escolas. Em alguns casos, precisaram buscar ajuda psicológica, como ocorreu com a irmã de Ghisela: "A professora gritava com ela quando ela não conseguia falar, ela não conseguia ler direito. Os amigos dela ficavam gritando, brincando, umas brincadeiras meio que violentas. Aí ela teve que ir pra psicólogo" (Ghisela, 3 de maio de 2019). E também com Albert: "Eu até procurei uma psicóloga porque um tempo atrás eu tava com compulsão alimentar e nisso eu tava gerando várias coisas que não tava nem a fim de vir pra escola" (Albert, 8 de maio de 2018).

Apesar das agressões sofridas, houve também relatos de atitudes positivas dos colegas brasileiros. Ghisela recorda o apoio que recebeu de uma colega brasileira, que dava

boas-vindas aos colegas novos e lhe disse para não ter medo; em algumas ocasiões quando presenciava agressões, tomava a defesa da colega. Keith também recorda que no grupo de *whatsapp* da turma alguns colegas brasileiros repreendiam aqueles que tratavam aos colegas de “bolivianos”. Lembra também que certa vez, na feira cultural, os colegas brasileiros de seu grupo fizeram uma apresentação melhor do que a dos colegas bolivianos, o que o deixou muito contente.

Questionário

O questionário foi utilizado para compreender, principalmente e de forma complementar à entrevista, o posicionamento dos dos brasileiros. Além disso, buscamos estabelecer se havia divisões e discriminação entre grupos. De início, dividimos em alguns grupos e calculamos as médias. A divisão de grupo por origem - brasileiros e “imigrantes”- relaciona-se com o conceito central deste artigo que é a xenofobia (Tabela 3).

Todas as médias ficaram abaixo do ponto médio da escala (3), considerada nem contrária e nem concordante à xenofobia. A média mais baixa das respostas foi das mulheres imigrantes com 2.29, próxima do ponto de discordância parcial com afirmações xenofóbicas; a mais alta foi dos homens brasileiros 2.84, próxima do ponto médio.

Com o teste da ANOVA de duas vias, origem e gênero, a origem teve efeito sobre a pontuação da escala, [$F(1, 145) = 15.485$; $p < 0.001$], ou seja, a característica de ser imigrante ou filho de imigrantes trouxe uma diferença estatisticamente significativa nas respostas. Para o

mesmo teste, não houve diferença significativa para gênero e não houve interação entre gênero e origem. Podemos afirmar que o grupo dos brasileiros é significativamente mais propenso à xenofobia do que o grupo “imigrantes”.

Tabela 3

Média e desvio padrão das respostas dos participantes, dividida por grupos (N = 150)

Grupo	M	SD	n
Imigrantes	2.357	0.437	33
Mulheres (imi)	2.298	0.469	20
Homens (imi)	2.447	0.381	13
Brasileiros	2.778	0.552	117
Mulheres (bra)	2.705	0.533	52
Homens (bra)	2.845	0.565	64
n/ marcou (bra)	2.308	-	1
Mulheres	2.592	0.545	72
Homens	2.772	0.556	77
M total	2.685	0.561	150

Foi realizado o teste da ANOVA de uma via para cada item, levando em conta a nacionalidade e o gênero. Este teste item a item não é usual para análise estatística. Porém, a escala construída tem característica de questionário. As afirmações que foram apresentadas continham recortes extensos de reportagens, comentários de páginas da web e trechos da legislação vigente ou revogada. Diferentemente do que se encontra nas escalas Likert em geral, tal análise corresponde à complexidade da redação dos itens. Os itens em que a hipótese nula foi rejeitada, ou seja, que havia efeito da variável independente da origem ($p < 0.001$) foram: 5, 8, 13, 14, e 22 (Tabela 4).

Tabela 4

Teste post hoc de Bonferroni, item a item

Item	Imigrantes	Brasileiros	Diferença médias (I-J)	SE	Sig
5 - Nós brasileiros não podemos arcar com eles (venezuelanos) aqui, nossa economia fraca, desemprego em alta por isso deveria sim fechar as fronteiras. Primeiro temos que arrumar nossa situação do Brasil depois se der ajudar os outros. O Brasil para os brasileiros primeiro		Mulheres (br)	-1.128*	0.325	0.002
	Imigrantes	Homens (br)	-1.072*	0.313	0.002
8 - Os brasileiros têm que defender seu país de invasores, independente de que países vieram. O Brasil virou terra de ninguém, onde imigrantes invadem, montam seu negócio e ainda exploram os brasileiros		Mulheres (br)	-1.393*	0.321	0.000
	Imigrantes	Homens (br)	-1.525*	0.309	0.000
13 - O Brasil de hoje não tem recursos ou economia para sustentar a própria população e ainda quer deixar mais pessoas entrarem para engrossar a lista de desempregados e potenciais ladrões		Mulheres (br)	-1.004*	0.306	0.004
	Imigrantes	Homens (br)	-1.228*	0.295	0.000
14 - Esses refugiados e os outros que voltem para o país deles, já não temos empregos para nós e eles vem tirar os empregos dos brasileiros, não os queremos aqui e aqui não são bem vindos		Mulheres (br)	-1.026*	0.302	0.003
	Imigrantes	Homens (br)	-.982*	0.291	0.003
22 - O estrangeiro admitido no território nacional não pode exercer atividade de natureza política		Mulheres (br)	-.780*	0.276	0.016
	Imigrantes	Homens (br)	-1.217*	0.266	0.000

São os itens que mais marcaram a diferença entre a pontuação de “imigrantes” e brasileiros, também reforçados pelo tamanho de efeito da ANOVA:

Item 5: $F(1, 148) = 14.303$; $p < 0.001$. $\eta^2 = 0.182$ ($\omega^2 = 0.176$);

Item 8: $F(1, 148) = 27.177$; $p < 0.001$. $\eta^2 = 0.260$ ($\omega^2 = 0.253$);

Item 13: $F(1, 148) = 16.487$; $p < 0.001$. $\eta^2 = 0.197$ ($\omega^2 = 0.190$);

Item 14: $F(1, 148) = 13.771$; $p < 0,001$. $\eta^2 = 0.179$ ($\omega^2 = 0,172$);

Item 22: $F(1, 148) = 16.440$; $p < 0.001$. $\eta^2 = 0.197$ ($\omega^2 = 0.190$).

Os itens 13, 22, e 5 se aproximaram de 20% de tamanho de efeito (η^2 e ω^2); já o item 13 foi maior que 25%, considerado um tamanho de efeito médio e significativo para diferença entre os grupos de nacionalidade. Para verificar a possibilidade de erro tipo 1, fizemos o teste *a posteriori* de Bonferroni. Para este teste é necessário -no mínimo- três variáveis, assim, dividimos a amostra por gênero e origem; porém, o grupo homens imigrantes era muito pequeno: 13 participantes. Por fim, preferimos manter três grupos: imigrantes, homens brasileiros e mulheres brasileiras. Não houve diferença significativa entre os gêneros, já entre imigrantes e brasileiros para estes itens foram diferenças significativas. A ANOVA foi confirmada por Bonferroni. O item 14 ficou abaixo de 1 como diferença de média para os dois gêneros brasileiros em comparação com as respostas do grupo “imigrante”. Com exceção do item 22, todos os outros tiveram o valor de p menor que 0.01.

Sobre a redação dos itens, todas as questões têm em comum a representação da população brasileira como vítima dos imigrantes, resultado semelhante às pesquisas sobre o preconceito de Adorno (2020b) e Crochik (1997). O grupo interno se considera ameaçado pelo grupo externo. Nos relatos de entrevistas de Freddy e Aneth, insultos xenofóbicos semelhantes foram proferidos, dizendo que estes estudantes roubariam as vagas de estudos e trabalhos dos brasileiros. Há uma ameaça latente de violência, imigrantes podem ser vistos como “invasores” ou “ladrões potenciais”, na redação dos itens. Podemos compreender como uma violência pseudoprojetiva (Horkheimer & Adorno, 1980, p. 154), ou seja, quem comete a violência infere ao outro tal violência. Se compararmos com os relatos de agressões sofridas pelos estudantes imigrantes, não foram estes, mas brasileiros e brasileiras que “invadiram” o banheiro em que estava Ghisela ou que roubaram o lanche de Juan.

Os itens 5, 8, 13 e 14 têm uma característica de autocomplacência em comum: a visão do país como empobrecido ou vulnerável aos imigrantes. Esta

característica protege o endogrupo nacional, mesmo que não seja a atribuição de um adjetivo positivo (Botas, 2010). A ausência de hospitalidade ou solidariedade com o estrangeiro é justificada por uma dificuldade do grupo nacional de se autoconservar, resultado semelhante às pesquisas sobre o preconceito de Adorno (2020b) e Crochik (1997).

Chama a atenção que a maioria dos brasileiros (41%) concorda parcialmente que deva haver restrição de atividade política para imigrantes, no item 22, conforme artigo do Estatuto de Estrangeiro (1980), revogado pela Lei de Migração em 2017. A possibilidade de recorrer às autoridades e a confiança nelas pode estar relacionada a este item, que impossibilita ao imigrante ser um cidadão de direito. Isto deve ser combatido, quando Ghisela comenta que uma professora age de forma discriminatória interrompendo e tirando a voz da estudante, por exemplo, pode autorizar uma violência antidemocrática; diferentemente da diretora e professora que apoiaram Freddy, ao buscar a autoridade escolar quando sofreu agressões.

Discussão e conclusão

Apresentamos alguns pontos que consideramos relevantes a destacar: os participantes das entrevistas eram bolivianos ou filhos de bolivianos; no caso dos bolivianos, com exceção de uma aluna, todos chegaram ao Brasil até os 12 anos de idade, desse modo, a maior parte da escolarização dos entrevistados foi realizada no Brasil. Nem todos sofreram agressões, o que é um bom sinal, mas houve indícios de que não estavam plenamente integrados, pois ao preferirem manter relações de amizade predominantemente com colegas de origem boliviana, poderiam sinalizar a existência de algum nível de separação, o que pode ser observado também nas salas de aula. Assim, ainda que não tenham sofrido discriminação explícita e aberta, poderiam estar convivendo com o preconceito velado existente na escola.

Segundo os entrevistados, as agressões ocorreram em diferentes momentos da trajetória escolar, em diferentes escolas. Pelo que se observa, os agressores não faziam distinção entre os bolivianos e os filhos de bolivianos nascidos no Brasil e se orientavam mais pelos traços étnicos do que pela nacionalidade, embora a condição de estrangeiro não fosse desconsiderada, pois os insultos eram explicitamente xenofóbicos. Isso posto, constatamos haver uma forte associação entre xenofobia e racismo no modo como os agressores escolhiam seus alvos, mostrando que a agressão não era aleatória e indiscriminada, mas delimitada, específica e dirigida.

Notamos também que, em alguns casos, as agressões se caracterizavam como bullying, pela assimetria de poder entre agressor e vítima, pela ausência de reação, e pelos ataques recorrentes. Essa dupla caracterização da xenofobia, como preconceito, por ter alvos mais delimitados, mas também como bullying, forma de violência mais primitiva, mais imediata e menos elaborada por parte do agressor, conforme Crochik (2015, 2019), coloca uma interrogação sobre o tipo de relação que o agressor estabelece com sua vítima, cuja resposta não pode ser dada sem maior aprofundamento teórico e investigação empírica.

As entrevistas explicitaram a xenofobia sofrida pelos alunos de origem boliviana, a maioria delas ocorrida no ensino fundamental e apenas uma agressão mais recente, ocorrida na 1a. série do Ensino Médio, relatada por Keith. Já os resultados do questionário complementaram as entrevistas, apresentando a existência de uma disposição atual entre os alunos brasileiros contra os imigrantes em geral, que pode se manter encoberta, latente, mas que pode ser revelada pela concordância com as opiniões xenofóbicas de leitores de notícias, apresentadas em itens do questionário.

O combate à xenofobia se mostra uma tarefa ainda mais árdua, se considerarmos que o preconceito é incessantemente veiculado pelos meios de comunicação de massa. Não sabemos em que medida o esclarecimento, por meio do conhecimento das leis sobre os direitos dos imigrantes, por exemplo, poderia influenciar na mudança de atitudes e desencorajar a discriminação xenofóbica e racista ou se apenas inibiria a manifestação explícita, mantendo latente a disposição à hostilidade, considerando que o indivíduo preconceituoso é refratário às argumentações racionais, pois está preso às convicções por fortes laços emocionais. De toda forma, em concordância com Adorno (2020a) não temos dúvida de que algum esclarecimento é melhor do que nenhum, o que nos leva a pensar na importância da educação escolar, não somente para proporcionar o conhecimento, mas, sobretudo, para provocar a autorreflexão e, desse modo, interromper a reprodução automática da violência.

Acrescentamos também as cinco propostas de enfrentamento ao bullying e preconceito por Crochick e Crochick (2020, p. 103):

uma reflexão estrutural da escola compreendendo as hierarquias escolares, intelectual e física, evitando que compitam entre si; uma educação que preze pela sensibilidade ao invés da competição; valorização do conteúdo curricular e auxílio aos que têm maior dificuldade para seus estudos, impedindo a competição

e subjugação pelo desempenho; reflexão sobre as regras escolares, com cuidado às injustiças presentes; por fim, uma educação inclusiva, que prepare os alunos o convívio com a diversidade.

Os resultados da pesquisa, de modo algum são conclusivos, pois há aspectos que podem ser mais aprofundados em pesquisas futuras. De toda forma, esperamos poder contribuir para o conhecimento de situações que ainda são desafiadoras nas escolas públicas de São Paulo.

Referências

- Adasko, D., & Kornblit, A. L. (2008). Xenofobia en adolescentes argentinos: Un estudio sobre la intolerancia y la discriminación en jóvenes escolarizados. *Revista Mexicana de Sociología*, 70(1), 147-196.
<http://www.scielo.org.mx/pdf/rms/v70n1/v70n1a5.pdf>
- Adorno, T. W. (2020a). *Educação e emancipação*. Editora Paz e Terra.
- Adorno, T. W. (2020b). *Estudos sobre a Personalidade autoritária*. Editora Unesp.
- Allport, G. (1971). *La naturaleza del prejuicio*. Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- Baeninger, R. (2012). *Imigração boliviana no Brasil*. Nepo/Unicamp.
- Binstock, G., & Cerrutti, M. S. (2016). Adolescentes Inmigrantes em escuelas medias de Buenos Aires: Experiencias de discriminación y barreras para la integración. *Desarrollo Económico*, 55(217), 387-410.
- Botas, S. da C. C. (2010). *Atitudes de crianças em relação aos grupos nacionais* (dissertação de pósgraduação). Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Carneiro, M. L. T. (2018). Imigrantes indesejáveis: A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. *Revista USP*, 119, 115-130.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i119p115-130>
- Constituição da República Federativa do Brasil (CRFP; 1988).
- Crochick, J. L., & Crochick, N. (2020). *Bullying, preconceito e desempenho escolar: Uma nova perspectiva*. Benjamin Editorial.
- Crochik, J. L. (1997). *Preconceito, indivíduo e cultura*. Robe Editorial.
- Crochik, J. L. (2015). Formas de violência escolar: Preconceito e bullying. *Movimento - Revista de Educação*, 3, 29-56.
<https://doi.org/10.22409/mov.v0i3.270>
- Crochik, J. L. (2019). Preconceito e bullying: Marcas da regressão psíquica socialmente induzida.

- Psicologia USP*, 30, 1-11.
<https://doi.org/10.1590/0103-6564e190006>
- Farah, P. D. (2017). Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. *Revista USP*, 114, 11-30.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114p11-30>
- Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1985). *A dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Jorge Zahar.
- Kim, D. H. & Sundstrom, R. R. (2014). Xenophobia and racism. *Critical Philosophy of Race*, 2(1), 20-45.
<https://www.muse.jhu.edu/article/538481>
- Kleidermacher, G., Lazetta, D., Abiuso, F., Grunberg, D., & Riposio, R. (2020). Miradas de los jóvenes respecto de la discriminación hacia migrantes en la escuela: Tres casos de Escuelas Medias en Villa Lugano, Ciudad Autónoma de Buenos Aires. *Periplos, Revista de Investigación sobre Migraciones*, 4(1), 174-199.
- Koehler, C., & Schneider, J. (2019). Young refugees in education: The particular challenges of school system in Europe. *Comparative Migration Studies*, 7(28), 1-20. <https://doi.org/10.1186/s40878-019-0129-3>
- Kohatsu, L. N. (2019). Imigração, assimilação e xenofobia. *Cadernos CERU. Dossiê Migrações*, 30(1), 50-75.
- Kohatsu, L. N., Ramos, M. C. P., & Ramos, N. (2020a). A educação escolar de alunos imigrantes em dissertações e teses brasileiras e portuguesas: O desafio da inclusão das diferenças. In Pereira et al., (Eds.), *Geopedagogia: a escola em mapas mentais de estudantes brasileiros, bolivianos e haitianos*. (pp. 149-175). EDUFRO.
<http://hdl.handle.net/10400.2/10065>
- Kohatsu, L. N., Ramos, M. C. P., & Ramos, N. (2020b). Educação de alunos imigrantes: A experiência de uma escola pública em São Paulo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24, 1-9.
<https://doi.org/10.1590/2175-35392020213834>
- Kohatsu, L. N.; Saito, G. K., & Andrade, P. F. de. (2021). Imigração, mídia e xenofobia: A ameaça imaginária em questão. In P. Silva, C. Borzuk, & G. Gonçalves Jr. (Eds.), *Teoria crítica, violência e resistência* (pp. 125-146). Blucher.
<https://doi.org/10.5151/9786555500790-07>
- Kunyu, D. K., Juang, L. P., Schachner, & M. K., Schwarzenhal, M. (2020). Discrimination among youth of immigrant descent in Germany: Do school and cultural belonging weaken links to negative socioemotional and academic adjustment? *Zeitschrift für Entwicklungspsychologie und Pädagogische Psychologie*, 52(3-4), 88-102.
<https://doi.org/10.1026/0049-8637/a000231>
- Lei No. 13.445 do Brasil. (2017, 24 de maio). *Institui a Lei de Migração*. DOU 99, 1, 1.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 401-411.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Marks, A. K., McKenna, J. L., & Coll, C. G. (2018). National immigration receiving contexts: A critical aspect of native born, immigrant and refugee youth well-being. *European Psychologist*, 23(1), 6-20.
<https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000311>
- Oliveira, L. R. P. (2013). *Encontros e confrontos na escola: Um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo* (dissertação de pós-graduação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Organização das Nações Unidas. (ONU, 1948). *Declaração universal dos direitos humanos*. ONU.
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- Onyido, J. A. (2018). Impact of xenophobia on Nigerian students in South Africa. *British Journal of Education*, 6 (8), 72-87. <https://cutt.ly/sA4zf7D>
- Riedemann, A., & Stefoni, C. (2015). Sobre el racismo, su negación, y las consecuencias para una educación anti-racista en la enseñanza secundaria chilena. *Polis, Revista Latinoamericana*, 14(42).
<http://dx.doi.org/10.32735/S0718-6568/2015-N42-1166>
- Rodríguez-Hidalgo, A. J., Calmaestra, J., Casas, J. A., & Ortega-Ruiz, R. (2019). Ethnic-cultural bullying versus personal bullying: Specificity and measurement of discriminatory aggression and victimization among adolescents. *Frontiers in Psychology*, 10, Article 46.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00046>
- Salas, N., Castillo, D., San Martín, C., Kong, F., Thayer, L. E., & Huepe, D. (2017). Inmigración en la escuela: Caracterización del prejuicio hacia escolares migrantes en Chile. *Universitas Psychologica*, 16(5), 1-15.
- Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. (2021). *Currículo da Cidade. Povos Migrantes - orientações pedagógicas*. SME/ COPED.
- Seyferth, G. (2002). Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, 53, 117-149.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149>
- Silva, C. I. S. (2007). *Preconceitos etnoculturais: meio rural e meio urbano - contributo para a educação intercultural* (dissertação de pós-graduação). Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Yeşil, A. E. (2020). Discrimination and exclusion perceptions of Turkish students living in Germany. *Eğitim Kuram ve Uygulama Araştırmaları Dergisi*,

6(3), 337-351.

<https://dergipark.org.tr/en/pub/ekvad/issue/59178/851094>

Wilson-Daily, A. E., Kimmelmeier, M., & Prats, J. (2018). Intergroup contact versus conflict in Catalan high schools: A multilevel analysis of adolescent attitudes toward immigration and diversity. *International Journal of Intercultural Relations*, 64, 12-28.
<https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2018.03.002>

Sobre os autores:

Lineu Norio Kohatsu é formado em psicologia pela

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizou mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde é docente, pesquisador e orientador. Realizou Pós-Doutorado na Universidade do Porto, Portugal.

ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0003-1629-4296>

Gabriel Katsumi Saito é doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, psicólogo e licenciado em Psicologia pela mesma instituição. Pesquisador no Laboratório de Estudos sobre o Preconceito (LaEP-IPUSP).

ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0001-7392-2098>